

#### 4.

#### O homem que traça seu próprio caminho: do gênio ao super-homem.

Como já observado, toda a tentativa de uma nova transformação onde possamos efetivamente manifestar todo o potencial humano, fazendo com que ultrapassemos qualquer barreira imposta pelo conhecimento metafísico, se faz através de um novo tipo de homem, um homem que a partir de uma busca por novos horizontes do conhecimento, aparece como criador. Apesar de diferentes aspectos essenciais da filosofia de Nietzsche e de Kant, para um melhor entendimento, partiremos da definição kantiana do gênio artístico.

Immanuel Kant define o gênio na perspectiva da originalidade. Para ele, toda obra deve servir como modelo e não deve ser imitação, pois se fosse, não teria o traço específico do gênio. Outra particularidade é que o gênio, diferentemente do cientista, não apresenta condições para explicar como surgiu a idéia para a sua obra. Ou seja, na ciência os engendros podem ser transmitidos, mas na obra de arte, não. O gênio é impedido de “indicar *como suas ideias de fantasia e densas de pensamento surgem e reúnem-se em sua cabeça*”<sup>63</sup>. Em suma, o gênio é a expressão harmoniosa do encontro entre a imaginação e o entendimento.

Nietzsche acreditava que o gênio seria verdadeiramente o parâmetro para uma nova forma de agir. Se pensarmos bem, veremos que só ao gênio é permitido, ou é possível se libertar dos valores impostos pelo cristianismo ou pela moral ocidental. Somente esse ser superior poderia alavancar uma luta contra o que era estabelecido. Livre de toda a moral e da culpa, o gênio seria uma espécie de herói que se apresenta no percurso histórico da humanidade. A representação perfeita do caráter desse personagem vislumbrado pelo pensamento de Nietzsche é o super-homem. Este espírito superior aparece entre aqueles que se tornaram dominados pelo pensamento no além-mundo, na metafísica. O gênio é aquele que tem a capacidade de fazer com que o pensamento se volte para o imanente. A

---

<sup>63</sup> KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Pág. 154.

vontade se manifesta entre o mundo e ele de tal maneira que parece que uma nova perspectiva existencial se manifesta através de suas ações.

Histórica e filosoficamente, o gênio seria uma espécie de favorecido da natureza, um abençoado dos deuses, um extraordinário dentro do cotidiano. Podemos colocar a questão do gênio da seguinte maneira: por que algumas pessoas nasceriam com tal dom, enquanto outras passariam a vida inteira prostradas na medianidade e mediocridade? Não há como se explicar o gênio em Nietzsche apenas pela sorte ou por alguma questão do inatismo. Nietzsche nos encaminha por uma trilha que é capaz de nos libertar da metafísica tradicional, tanto em relação ao movimento de criação, quanto ao relacionamento de forças que interagem entre si. Nada nos define previamente, tudo parte de uma junção e separação de forças que formam algo. A principal questão da qual trataremos agora é a de, seguindo este aspecto de sua filosofia, qual seria a principal força criadora que é capaz de se formar sem ser previamente formada. Todos os homens e todas as coisas são assim, mas existe uma que, a partir da sua inclinação para algo, conseguirá ter originalidade e será o modelo.

Quando ouvimos a palavra “gênio”, a primeira ideia que temos é de alguém que nasce com uma predisposição quase divina ao extraordinário. Alguém que nasce com alguma coisa diferente dos outros, alguém que, mesmo sem a sua vontade, se sobressairá acima de qualquer mortal comum. O problema com esse tipo de pensamento é que, para se pensar assim, teríamos que admitir que todos os homens nascem com uma espécie de caixa, com todas as suas possibilidades existenciais prontas e coordenadas para um certo fim. Como exemplo, podemos citar um aluno de piano. Quando vemos um chamado “prodígio” executando uma peça difícilíssima, pensamos que nenhuma outra pessoa, a não ser aquelas poucas escolhidas pela sorte seriam capazes de obter um resultado como aquele visto no menino-gênio. A facilidade absurda na compreensão e execução de algo tão complexo nos deixa pasmos com tamanha facilidade atingida. Será mesmo? Em nenhum momento deixamos a tendência de achar que aquele menino caiu de seu berço e começou a fazer algo fora do comum. Mas, quando colocamos seriamente a questão vemos que em qualquer pessoa, seja na tarefa mais simples até a mais complicada, o treino e a prática são essenciais para o aperfeiçoamento de uma tendência, de uma disposição.

Só não falem de dons e talentos inatos. Podemos nomear grandes homens de toda a espécie que foram pouco dotados. Mas adquiriram grandeza, tornaram-se gênios... todos tiveram a diligente seriedade do artesão que primeiro aprende a construir perfeitamente as partes, antes de ousar fazer um grande todo; permitiram-se tempo para isso, porque tinham mais prazer em fazer bem o pequeno e o secundário do que no efeito de um todo deslumbrante.<sup>64</sup>

Para a filosofia do futuro de Nietzsche, o gênio seria a porta de entrada até a superação de todos os homens. A educação estética possibilitaria que todas as pessoas pudessem atingir, em maior ou menor grau, a mesma “consciência de mundo” do gênio.

A maneira como vislumbramos o nascimento do gênio se confunde com o modo pelo qual Nietzsche nos impele a perguntar se os valores estabelecidos são aqueles que realmente devemos seguir. Um novo ser tomado pela capacidade de plasmar sua realidade aparece e nos mostra que a realidade não é feita só de conceitos, e nem tampouco de mundos paralelos inatingíveis dominados por criaturas inventadas. O gênio nietzschiano seria aquele ser onde a junção de arte e vida se dá plenamente. Nesse contexto, o que pode ser proferido em relação ao gênio seria a não separação entre arte e vida. Vida, que se faz sempre tendo como marca principal a criação e destruição, um encontro entre forças que não alimenta a estabilidade, tão defendida pela metafísica tradicional.

É verdade que existindo certos pressupostos metafísicos, a arte tem valor muito maior; por exemplo, quando vigora a crença de que o caráter é imutável e de que a essência do mundo se exprime continuamente em todos os caracteres e ações: a obra do artista se torna então a imagem do que subsiste eternamente, enquanto em nossa concepção o artista pode conferir a validade à sua imagem somente por um período, porque o ser humano, como um todo, mudou e é mutável e tampouco o indivíduo é algo fixo e constante.<sup>65</sup>

Por isso, o caráter criador de novos parâmetros do gênio é colocado como forma de superação do “último homem”, pois tendo a capacidade de criação imposta somente por sua vontade de potência, a possibilidade de um novo horizonte humano se abre, deixando para trás o homem exclusivamente conceitual

<sup>64</sup> Nietzsche, Friedrich. *Humano Demasiado Humano*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000, parágrafo 163. Pág.125.

<sup>65</sup> Idem, parágrafo 222. Pág.152.

e dando passagem ao homem estético, que pode se mostrar livre e despido dos antigos valores, anunciados mortos por Zaratustra. Nietzsche nos coloca em uma posição de repensar o papel do homem na realidade, já que a metafísica não consegue nos levar até o conhecimento total de qualquer coisa, pois, desde Platão até Kant, temos dúvidas na possibilidade de se alcançar a essência de algo, tendo como única via de acesso o fenômeno, ou a dialética. Partindo dessa constatação, o homem deve gerar o conhecimento através da arte, forma plena do fenômeno, traduzindo a vontade, que se expressa através do gênio. O que queremos dizer com isso e que, de uma maneira conceitual, a coisa-em-si (vontade), não se mostra plenamente, o que, no entendimento de Nietzsche não acontece quando a arte participa do conhecimento.

A grande mudança oferecida por Nietzsche em seus escritos é fazer com que o homem passe de mero espectador dos fatos ligados à história, ou a religião, para criador desses acontecimentos. A radicalização do pensamento liga a visão dionisíaca do mundo, ou seja, o atrelamento da forma visceral de Apolo (aparência) e Dioniso (vontade), resultando no próprio conceito de vida do autor. Somente o gênio conseguirá desfazer as amarras conceituais que prendem o espírito do homem.

Nietzsche, como já dito, identifica o gênio com o super-homem. São relacionados, pois os dois contradizem da mesma maneira a máxima socrática do “conhece-te a ti mesmo” e assumem o “tornar-se quem se é”. Quando da própria criação de novos valores, o espírito livre se mostra como parte integrante do mundo, ou seja, afirmando seu ser como mutável, afirma também o mundo como fluxo constante, colocando na mesma perspectiva o passado, presente e futuro. Com a revelação de novos valores através do super homem, cada mudança influi no processo circular da existência, permitindo que essa força intervenha em qualquer parte desse processo.

Em sua trajetória, Nietzsche identifica dois personagens que seriam capazes de reviver o gênio grego, ambos ligados diretamente às suas duas maiores paixões em vida. Arthur Schopenhauer, no pensamento filosófico e Richard Wagner, na música. Mas, o que existe nesses dois personagens que fariam Nietzsche render-se ao ponto de nos seus primeiros escritos chamá-los de salvação da cultura alemã?

Nietzsche, assim como Schopenhauer, identifica a arte como uma espécie de salvação para as expectativas existenciais do homem. Para Schopenhauer, a arte consegue transmitir um conhecimento mais visceral do que a metafísica, e essa parte de sua filosofia será a mais influente para o jovem Nietzsche. Imaginemos que quase todos os escritos filosóficos até então eram feitos de uma maneira sistemática e lógica, muito influenciada pelo racionalismo de Descartes e pelo idealismo kantiano. Em vez disso, Schopenhauer se mostra mais como um poeta do que como um filósofo tradicional. A partir de seus escritos, Nietzsche consegue enxergar uma nova possibilidade para a filosofia, livre da tradição metafísica, tanto na escrita quanto na idéia proposta de uma nova visão de mundo. Em sua nova visão de educação, livre da opressão institucional, a forma estética é a grande novidade no projeto de Schopenhauer, já que, dessa maneira, o que se segue é uma desvinculação do sujeito quando este participa essencialmente da arte. A relação vontade/eu assume uma nova perspectiva quando desconstruímos o sujeito em nome de uma relação com o todo artístico, proporcionado através da contemplação. Conceitualmente, temos sempre a tendência em distanciar o sujeito do objeto. A arte retira o caráter de dissociação entre a força “eu” e a força “objeto”, fazendo com que ambas se relacionem harmoniosamente, pois na arte, não existe uma separação intrínseca entre as duas forças, mas uma junção (Apolo e Dionísio/vontade e representação). O gênio se torna o sujeito e o objeto.

Para Schopenhauer, a contemplação de um objeto artístico eliminaria em parte a angústia que advém da vontade. Quando nos colocamos diante de uma obra artística, a distância que naturalmente sentimos pelo fato de estarmos mergulhados em uma condição de causalidade e espaço/tempo é substituída pela pura imersão na relação estabelecida pelo gênio artístico. O que nos causa a total supressão de nossa vontade é a condição metafísica estabelecida como única via de acesso ao cerne da expressão “verdadeira” do objeto. Quando esta é substituída pela vivência e imersão na obra de arte, ou no conhecimento do mundo pela tentativa estética, uma barreira é quebrada e só o que resta é a junção do fenômeno com a coisa-em-sí, que, na verdade, se tornam a mesma coisa, pois não existe mais a distância relativa presente na oposição sujeito/objeto.

A diferença entre a primeira fase do pensamento nietzschiano em que se faz presente certa análise da vontade é que a influência que vinha dos escritos de

Schopenhauer causou uma contemplação negativa da mesma, como vimos pela descrição da arte como uma espécie de antídoto contra o sofrimento em relação à vida. Posteriormente, deixará de haver uma negação da vida para vê-la diante de outro prisma: a sua afirmação. A vontade não será mais vista como caótica e cega, mas a vida se confundirá inerentemente com ela, pois vida é igual a vontade de potência. Seguindo essa definição de vida, bem específica do autor, vemos que potência significa expansão. A vida quer sempre se expandir, mas os valores metafísicos que imperam sobre o ser humano fazem o contrário. Pensemos que, diferentemente do sentimento provocado pela estética, que nos agrega e nos desfaz enquanto sujeitos, a culpa, o pecado e a crença em um Deus que pune nos mantém fixos e amordaçados por correntes invisíveis, criadas para que acreditemos em rebanhos, humildade e bondade como virtudes afirmadoras da vida, quando são exatamente o oposto disso. Ao gênio não caberá mais suprimir o lado obscuro e terrível da vida, mas ele entrará totalmente em comunhão com a vontade do mundo, através de sua expressão artística apolínea. Mas para isso ser possível, o homem deverá alçar sua vontade criadora ao máximo, pois só assim os grilhões da vontade (para Schopenhauer) e da moral (para Nietzsche) serão desfeitos em relação à metafísica, através da construção de novos valores, possíveis apenas em um contexto onde o homem não seja mais visto como animal metafísico, mas como animal estético. Isso, sem sombra de dúvida, é o que permanece comum entre os dois filósofos.

Animal estético, pois o lado instintivo se torna possibilidade para uma compreensão do mundo, da coisa-em-si, inatingível pela razão e pela distinção sujeito-objeto, desde Kant. Separando-se o conhecimento instintivo do racional, vemos que, tanto para Schopenhauer quanto para Nietzsche, existe uma forma de se conhecer que passa pela razão e outra pelo instinto. E, nessa forma instintiva, vemos a quebra no que diz respeito ao pensamento kantiano. Apesar de, como já dito, existir uma relação inerente entre coisa-em-si/fenômeno e vontade/representação, o que para Kant é inacessível, para Schopenhauer pode ser atingido, pois o mundo fenomênico é regido pela regra de causa e efeito. A vontade aparece em outra esfera, fora da representação, mas ainda ligada a ela. Seria como dizer que o gênio, através de sua comunhão com este mundo inacessível, abraça uma porta, através do corpo, que é onde todas as sensações se

depositam, para que a vontade se mostre, mas sempre pelas sensações, não pela razão, pois esta está fadada a lidar com regras de espaço e tempo, causa e efeito. A vontade é algo que se mostra pelo simples fato de nos impulsionar para algo. A força proveniente da vontade perpassa a esfera fenomênica. Pensar e agir racionalmente diante do mundo é diferente de conhecer o mundo. Quando pensamos, estamos atados às categorias do entendimento, criações de juízos, etc. Quando conhecemos, através das sensações, nos desvinculamos disso, para experimentar a pura contemplação da vontade, através de sua representação que, na fase racional é representada pela ideia. Em suma, o conhecimento humano que advém da ciência e da metafísica só nos permite conhecer e lidar com o fenômeno. A arte nos leva até a coisa-em-si.

A nosso ver, existe ainda um problema em Schopenhauer, que será superado por Nietzsche: a possibilidade de se escapar da vontade. A cruel realidade se esvairia com o jogo estético, criando uma espécie de negação da vontade, quase que como uma possibilidade de ascese. “*A vontade pode suprimir-se a si mesma, e, por este fato, acabar também com o sofrimento que é inseparável do seu fenômeno*”.<sup>66</sup> A grande diferença do pensamento de Nietzsche se dá por não poder haver negação da vontade, mas, para que a vida seja trágica, o sofrimento proveniente da crueldade do mundo deve ser incorporado no drama do desenrolar da existência, sem que haja nenhuma possibilidade de fuga desse mundo. Em Schopenhauer, apesar de haver uma visão estética, ainda existem traços metafísicos no que concerne à possibilidade de superação da vontade, mas o importante é o reconhecimento da arte como caminho para superação dos valores estabelecidos. Aqui vemos que, segundo Nietzsche, toda forma e toda tentativa de fuga do mundo não passa de um engodo, uma ilusão. Todos os mundo inventados, todas as profecias do além são parte inerente do espírito humano que tenta a todo custo afirmar sua vontade, como que para escapar da sua real condição: o sofrimento. A redenção de Nietzsche é imanente, dentro do próprio caos. O gênio seria aquele que afirmaria a sua condição e espontaneamente viveria seguindo sua própria natureza incondicional, imprimindo a vontade na obra de arte, para que essa fosse apenas acalmada, mas não superada.

---

<sup>66</sup> Schopenhauer, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*, Rio de Janeiro: Editora contraponto, 2001. Pág.530.

Logo, o gênio não é “em si” o que se almeja. Não podemos dizer que Nietzsche pensaria possível que todos fossem gênios, já que, para quase todos os pensadores, o gênio é um ser de exceção. O espírito da atitude em relação à vida é que se mostra como projeto final para Nietzsche. Não seria possível que todas as pessoas fossem um Beethoven, ou um Mozart, mas seria totalmente concebível que a criação fizesse parte da educação estética e é nesse contexto que vemos a influência na percepção kantiana do gênio: o exemplo. A partir dele, um caminho para o novo se abre. Os seres excepcionais abriam caminho para o desenvolvimento de uma nova cultura ligada a capacidade de elevar o espírito até que a realidade pudesse ser plasmada pelo viés da arte, deixando de lado todo o comportamento tradicional racionalista e idealista, que tange uma esfera humana que não é capaz de se encontrar com a vontade. Portanto, *conhecer é criar, e criação, é vida!*

O outro personagem mais influente na trajetória nietzschiana foi Richard Wagner. Através de sua música, Nietzsche consegue vislumbrar outra mudança “substancial” no caráter racional da percepção estética. A principal virtude encontrada em Wagner é relativa ao ressurgimento do mito da cultura alemã. Isso se deve ao fato da música wagneriana transportar de um passado esquecido a força do espírito alemão para um presente atrelado à inversão dos valores ativos para os reativos. Embora Nietzsche posteriormente encontre em Wagner somente mais um filisteu culto, o que nos interessa aqui é a visão que surgiu por uma nova concepção da arte como forma de um conhecimento visceral ligado à música, e também da valorização do mito, que se adéqua intrinsecamente com a influência da tragédia grega. Na música wagneriana encontramos, a princípio, o exemplo e a originalidade que é cultuada para o surgimento do gênio. Uma assimilação e simplificação do universo se propaga através da música que, por fim, é a maneira, dentre todas as artes, de comunicar o caráter primordial da existência.

Wagner projetou no presente e no passado um feixe luminoso de conhecimento bastante poderoso para iluminar um perímetro de uma amplidão pouco comum; é por isso que é um *simplificador do universo*; de fato, a simplificação consiste sempre em que o olhar daquele que vê, dominando a prodigiosa

profusão e a prodigiosa desordem de um caos aparente, reduz à unidade o que parecia até então incoerente e disperso.<sup>67</sup>

A unidade exaltada por Nietzsche na música de Wagner se traduz e se relaciona no conceito de vida, tanto quanto na maneira pela qual Schopenhauer une a vontade com a representação. Essa mística envolvendo os sons, a harmonia e a melodia é o que nos transporta para um mundo sem as barreiras impostas pela razão. A linguagem, com sua inclinação para definir através de conceitos dispersa a destruição do eu, pois já nomeia e categoriza cada ação. As forças, que por um mecanismo da mente se traduzem por coisas, passeiam livremente através da música. No espetáculo, não compete à razão analisar e conceber tudo o que está sendo transmitido como conhecimento. A sensação se encarrega de imprimir no espectador uma vivência experimental dos acontecimentos concebidos pelo gênio do artista de forma visceral e espontânea. A ligação entre fenômeno e coisa-em-si se dá de uma maneira quase divina, pois o que está participando do conhecimento não é a mente racional, mas o espírito. Wagner encontra uma ligação entre dois fenômenos que pareciam estar separados, como Nietzsche nos diz.

Wagner chegou a isso descobrindo uma relação entre duas coisas que pareciam conviver como estranhas e indiferentes em duas esferas isoladas, a música e a vida, e também a música e o drama.<sup>68</sup>

Para Wagner, assim como em Nietzsche, a arte transcrevia o comportamento social do povo até o palco. A imersão no espetáculo não era somente uma forma de entreter as pessoas. O centro moral, que na modernidade vinha da crença em um sujeito formado pela cultura do cristianismo e do pensamento idealista, se transformava em ensinamento estético, ou seja, a sensação ligava todo o povo em uma esfera de contato com a vontade. As mesmas possibilidades de convívio, os mesmos sofrimentos, as mesmas questões eram retratadas através do sentimento, e não da razão. A grande crítica feita por Wagner e que se reflete no jovem Nietzsche é a de o espetáculo passar a servir como passatempo aos filisteus da cultura, que buscavam apenas uma forma de se auto

---

<sup>67</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O Caso Wagner*. Coleção grandes obras do pensamento universal. Ed. Escala, 2007 Pág. 99.

afirmar dentro da sociedade. A obra de arte começa, desde a queda da cultura trágica grega a se mostrar como forma de se livrar da realidade, mas em um sentido totalmente pejorativo, como se a bela obra se transformasse em um brinquedo, uma distração, e como se o pensamento metafísico fosse a “real” maneira de instrução para todos. A educação estética se desprende do palco, para ocupar o espaço fora da vida em um contexto totalmente invertido. Mais ainda: os grandes espetáculos passam a ser vistos como forma de lucro. Ao invés de nos depararmos com a celebração da vida, alegre e potencializadora da época dos gregos, observamos a institucionalização da música, para o proveito do que Nietzsche chama de população. Na verdade, todo o contexto se inverte. É só imaginarmos que o público não estava interessado no espetáculo, mas em si próprio, enquanto cultos e participantes do espetáculo, não da arte.

Por isso Nietzsche consegue ver em Wagner a figura do gênio em sua maior representação. Apesar da influência de Schopenhauer, o gênio de exceção era Wagner, pela tentativa de, em um contexto impregnado pelo pensamento racionalista, transformar vida e o conhecimento em música.

O gênio poético de Wagner se mostra no fato de que ele pensa por meio de acontecimentos visíveis e sensíveis e não por meio de conceitos; é dizer que pensa por meio de mitos, como o povo sempre fez. O mito não se baseia num pensamento, como imaginam os filhos de uma cultura sofisticada, é ele próprio pensamento, exprime uma representação do mundo, mas a exprime numa sequência de fatos, de atos realizados ou sofridos.<sup>69</sup>

A existência plena que parte do real se mostra nas obras de Wagner, como se ele se transformasse em um tradutor da experiência primordial que continua eternamente buscando sua representatividade, sem nunca cessar o movimento inicial. De todas as possíveis formas de aparecimento desse fluxo, Nietzsche enxerga em Wagner um símbolo do espírito do super-homem. O músico se consolida o mais forte em relação aos demais homens da cultura alemã. Além de uma força incrível, Wagner também reluz a compreensão e inovação do mito. Toda a influência que Nietzsche buscava do mundo grego em alguém se apoderou

---

<sup>68</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O Caso Wagner*. Coleção grandes obras do pensamento universal. Ed. Escala, 2007. Pág. 99.

<sup>69</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O caso Wagner*. Coleção grandes obras do pensamento universal. Ed. Escala, 2007. Pág. 124.

do compositor, pois em suas obras prevalecia uma nova linguagem musical. “*De Wagner músico seria necessário dizer em geral que deu uma linguagem a tudo o que na natureza não tinha ainda conseguido falar; acredita que nada pode ser mudo*”<sup>70</sup>. Quando ouvimos Tristão e Isolda, por exemplo, uma força devastadora invade todo o corpo, um arrebatamento digno de qualquer ritual dionisíaco, nos transportando para o olho do furacão, tamanha a explosão de potência que surge em cada passagem. Essa relação que o compositor estabelece entre os vários momentos de sua música denota uma comunicação não-verbal. Não é uma frase de efeito que nos toma e nos faz pensar. O efeito proporcionado pelos acordes fortes e a súbita retomada do silêncio gera quase que um espanto por nossa condição de ouvintes, quando estamos completamente imersos na experiência dionisíaca. Nietzsche observa em Wagner uma experiência para uma arte futura. Essa se torna a melhor representação do que seria o verdadeiro consolo metafísico, pois gera uma vivência que decorre de uma força estética da natureza irreconhecível em uma representação artística, que eleva o espírito humano, sem a necessidade de uma conceitualização da sua própria condição. Wagner reconhece a afetação que decorre quando subitamente o eu se destrói. Onde a maioria se detém pelo medo, Wagner encaminha o *pathos* com fervor dionisíaco.

Toda a música anterior, comparada à de Wagner, parece retesada ou temerosa, como se não ousasse se deixar olhar sob todos os ângulos, como se tivesse vergonha. Wagner captou com máximo de pureza e de precisão o grau mais ínfimo, a menor nuance do sentimento, toma delicadamente entre seus dedos o estremecimento mais tênue, mais distante e mais suave, sem temor de deixá-lo escapar, e o retém como um objeto endurecido e solidificado, mesmo quando outros não queriam ver nele senão uma borboleta inapreensível.<sup>71</sup>

O *pathos* ao que Nietzsche se refere é sempre em relação ao sentimento mais universal causado pela arte. Não cabe aqui fazer uma distinção de categorias universal/particular apenas por uma afetação conceitual. Quando Nietzsche trata de universalidade, não é do mesmo jeito que esperaríamos, por exemplo, se a palavra fosse usada por Kant. Esse universal significa vontade, sua expressão tanto como força, quanto capacidade de imersão do ouvinte através da música em

---

<sup>70</sup> Idem. Pág.128.

um mar que se torna ele mesmo. Cada indivíduo, como gota separada, se une ao uno - primordial, que não é nada, a não ser potência, e forma um todo capaz de conter todos. Cada nota dada é disposta de tal maneira a nos levar ao íntimo essencial do mundo. O gênio se mostra quase que como uma entidade, sem o ser na verdade. O sentimento proporcionado pela junção do uno primordial ao artista dionisíaco tem um preço ao chamado indivíduo. Sua destruição é a única maneira de encontrarmos o *pathos* como simpatia, sofrer com o outro, pelo outro e em favor de si mesmo, para que não aconteça a afirmação do nada, do niilismo, da crença em valores ditos superiores. Temos que entender que, pelo caminho da música, entramos em contato com nosso lado mais instintivo, mais estético, mais plástico, possibilitando a mudança de conceitualização, se é que, após essa experiência, ainda se colocará o que se sente como um conceito, ou, como entendeu Nietzsche, o que aparecerá será tão somente uma reação corporal, que certamente, levará ao núcleo da coisa-em-si,

Se nos detivermos na tradução da palavra apocalipse, veremos que significa “revelação”. O super-homem é revelado através do gênio artístico, e por isso, observamos que, apesar de qualquer diferença que possa haver entre os filósofos aqui citados, ou uma posterior ruptura de pensamento, o grande valor é o de colocar em cena uma crítica ao que era estabelecido como certo. Um caminho traçado desde a grande arte helênica se transforma em uma percepção atual do que se revela imanente e não conceitual para Nietzsche. Como uma espécie de clarão, o super-homem desce como “*um raio que surge da nuvem negra que é o homem*”<sup>72</sup>. Devemos colocar tudo em que Nietzsche se baseou para chegar ao seu próprio pensamento. Heidegger costumava afirmar que o grande valor de qualquer homem é conseguir transformar em próprio, o que é impróprio. Haverá uma época em que toda e qualquer criação de novos valores não será inteiramente original, pois até na arte, temos uma mimese do que já existe. O grande valor atribuído ao super-homem de Nietzsche é o de, através da percepção de que não temos nada formado e nem nada preparado, a relação e a criação são os grandes fomentadores de uma nova visão do próprio homem e, conseqüentemente, do mundo em que este homem está.

---

<sup>71</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O caso Wagner*. Coleção grandes obras do pensamento universal. Ed. Escala, 2007. Pág.131.

<sup>72</sup> LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*. Editora vozes. Pág.252.

Amo todos aqueles que são como pesadas gotas caindo uma a uma da nuvem negra que paira sobre os homens; elas anunciam a chegada do raio e é assim que elas caem por terra. Veja: eu sou um anunciador do raio, uma gota pesada que cai da nuvem; ora, este raio se chama *super-homem*.<sup>73</sup>

Uma revelação heraclítica se mostra na afirmação de Zaratustra. O raio como força pré-socrática, nos eleva ao espírito da natureza, mas não de uma natureza transcendente ou *a priori*, mas uma natureza ligada à *physys*, ao imanente. O raio, quando se mostra, sempre foi e nunca foi outra coisa além daquilo que ele é a partir do momento em que é. O super-homem, como raio, é aquela parte do espírito que não se prende a ideia, pois, esta mesma, enquanto não nomeada, nada é. A ideia do que seria o homem não pode ultrapassar nada *além* do que o espírito humano será a partir do instante em que começa a viver existencialmente e não amparado por uma essência criada por ele mesmo

A superação do homem se dá por um caminho tortuoso e, de certa forma, se pensarmos em termos de como o mundo se coloca à nossa frente, infeliz. Mas isso não quer dizer que a criação de valores que exaltam uma suposta natureza nos fará melhores do que realmente somos no momento em que nos colocamos como experimentadores da própria existência.

A formulação “rede de forças” significa que estamos atrelados intimamente com todas as construções que se fazem por todo o percurso existencial do homem. Nietzsche nos coloca à prova, através do eterno retorno para evidenciar se o nosso espírito conseguiria se alegrar com todo o sofrimento aos quais somos apresentados o tempo todo. Uma ação não pode mudar, pois se pensarmos que, voltando e modificando alguma coisa, estaríamos livres de um sofrimento, de um *pathos*, outra possibilidade se abriria, sim, mas nunca teríamos a certeza se teria sido uma escolha que nos retiraria do sofrimento. Sofrimento esse que afirma a própria condição de vida do espírito humano. Nossa intuição nos leva a crer que, mesmo com a divergência que existe entre todas as formas de pensar a mesma realidade, Nietzsche não teria alcançado sua interpretação do mundo sem passar pelos gregos, por Schopenhauer e, finalmente, por Wagner. O ápice da afirmação da vida se dá na música, já que, em termos Nietzscheanos, esta

<sup>73</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém*. 4ª Ed. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 1986. Prólogo.

é a possibilidade de conhecimento mais livre, mais artística e mais existencial possível.